

GÊNERO E COLONIALIDADE EM PERSPECTIVA: UM ESTUDO COMPARADO DAS OBRAS *SEJAMOS TODOS FEMINISTAS* (2015) E *A INVENÇÃO DAS MULHERES: CONSTRUINDO UM SENTIDO AFRICANO PARA OS DISCURSOS OCIDENTAIS DE GÊNERO* (2021)

LAURA BERGOZZA PEREIRA¹; DANIELE GALLINDO-GONÇALVES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – laurabergozzap@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de 2

1. INTRODUÇÃO

As violências gestadas pela colonização fazem-se presentes nas estruturas que sustentam a hegemonia da branquitude sexista. A construção e instrumentalização de categorias de raça e identidade racial (QUIJANO, 2005, p. 107) fundamentaram a diferença colonial, posicionando sujeitos à categoria de um(a) Outro(a) (BALLESTRIN, 2013, p. 101). A confecção da dicotomia branquitude e negritude, baseada pela alteridade, construiu o(a) negro(a) a partir da negação daquilo que o(a) branco(a) não queria ser ou parecer (KILOMBA, 2019, p. 38). A categoria de racialidade veio acompanhada da desumanização de indivíduos não brancos, que foram postos a um espaço de inferioridade (HERNANDEZ, 2005, p. 22).

A supervalorização da branquitude tocou não apenas as complexidades político-econômicas, ela se estendeu aos campos socioculturais, ao privilegiar o conhecimento pautado pela óptica eurocêntrica (COLI, 2021, p. 107). Os saberes ocidentais, a partir dos processos imperialistas em África, passaram a ser compreendidos como a nova consciência universal (HERNANDEZ, 2005, p. 17). O continente africano, dessa forma, passou a existir não por seus próprios referenciais, mas sim a partir da voz guiada pela lógica eurocêntrica-ocidentalizante. O embranquecimento da construção de conhecimento tornou a ser atravessado pelo complexo de inferiorização racial (FANON, 2020, p. 25).

A colonialidade, conceito que apreende a continuidade das violências coloniais (FERRARA; CARIZZO, 2021, p. 3), toca a universalização dos sentidos eurocêntricos-ocidentalizantes, marginalizando tudo que transborda as fronteiras da branquitude sexista. É sob a hierarquização de conhecimentos, que a violência epistemológica mantém sua hegemonia (ZAMUDIO, 2018, p. 30). O epistemicídio, nesse prisma, abarca a desapropriação dos sujeitos, de seus conhecimentos e de suas culturas, em que o processo de deslegitimação estende-se para o indivíduo e para tudo que o cerca (CARNEIRO, 2005, p. 52). O princípio de Outridade subalterna, portanto, fundamenta o epistemicídio (KILOMBA, 2019, p. 56).

A construção de Outridade toma novos contornos quando a categoria de gênero é somada à equação das violências colonialistas, haja vista que a racialidade em mulheres atua em sentido à desumanização daquelas que não correspondem ao ideal de branquitude (hooks, 2024, p. 222). Mulheres negras, desta forma, são posicionadas a um lugar vazio (KILOMBA, 2019, 97), em que as interseccionalidades que as compõem tornam a ser dispositivos de opressão apropriados pela hegemonia da consciência eurocêntrica-ocidentalizante. A discussão das imbricações da racialidade e de demais aspectos interseccionais nas violências de gênero tornou espaço central no desenvolvimento dos feminismos do Sul Global (BALLESTRIN, 2017, p. 1036).

A crítica recaía na compreensão de que a universalização de teorias e agendas sobre mulheres estava guiada pela óptica eurocêntrica-ocidentalizante, ou seja, que dizia respeito ao contexto branco, ocidental e de classe média (COLLINS, 2019, p. 37). O imperialismo tornava a ser genericado à medida que “[...] mulheres brancas exploram seus privilégios raciais e institucionais para racializar as outras, reivindicar vantagens e afirmar autoridade sobre as mulheres de cor” (NZE GWU, 2023, p. 156). A reivindicação pelo protagonismo de suas lutas foi um dos pontos centrais elencados pelas Feministas Africanas, além da consideração de contextos singulares das opressões (SILVA, 2021, p. 283).

À vista destas discussões, lança-se mão de obras produzidas por duas mulheres africanas, *Sejamos todos feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie (2015), e *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*, de Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), a fim de analisar comparativamente como as autoras apresentam, em suas obras, as discussões de gênero, mantendo em perspectiva os atravessamentos da lógica eurocêntrica-ocidentalizante. Para tanto, ampara-se na metodologia comparada de Kocka (2003; 2009), bem como nos debates propostos por Fanon (2020); Carneiro (2005); Kilomba (2019); hooks (2024) e Collins (2019).

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho inicialmente deu-se com uma pesquisa bibliográfica dos estudos relacionados à construção da racialidade e ao estruturamento do epistemicídio, bem como apropriou-se de discussões sobre o desenvolvimento dos movimentos feministas em África. Também se buscou pesquisas que tratassem sobre as interseccionalidades que compõem as opressões sobre as quais as mulheres são atravessadas, preocupando-se, sobretudo, com as inter-relações entre gênero e racialidade. Em seguida, realizou-se uma leitura atenta das fontes, atentando a como gênero é entendido por Adichie (2015) e por Oyèwùmí (2021), considerando que ambas as autoras são mulheres nigerianas, que, dentro de um processo diaspórico, mudaram-se para os Estados Unidos para desenvolverem seus trabalhos. Isto é, leva-se em conta os atravessamentos eurocêntricos-ocidentalizantes aos quais estão sujeitas.

Para metodologia, amparou-se na análise comparada de Kocka (2003; 2009), a qual considera as divergências e similaridades entre as fontes (Kocka; Haupt, 2009, p. 2), apreendendo as noções particulares, mas também as colocando em confronto umas com as outras (Kocka, 2003, p. 40). As reflexões relacionadas às pautas de embranquecimento e inferiorização da negritude apoiam-se no pensamento de Fanon (2020), já o conceito de epistemicídio fundamenta-se em Carneiro (2005). A análise sobre gênero e racialidade organiza-se a partir das ideias de hooks (2024), Kilomba (2019) e Collins (2019), que evidenciam as imbricações das opressões de gênero e raça presentes nas vidas de mulheres negras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A representação de parcelas da pluralidade dos feminismos africanos faz-se perceptível nas obras *Sejamos todos feministas* (2015) e *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (2021). Adichie (2015) opõe-se aos papéis sociais do gênero, afirmando que,

embora existam diferenças biológicas entre homens e mulheres, as desigualdades são oriundas da cultura sexista e, portanto, podem ser desconstruídas a partir da luta feminista. Para embasar seu argumento, Adichie (2015) elenca uma série de exemplos cotidianos comuns na vida de muitas mulheres, como, quando, mesmo tirando a melhor nota da classe, não foi escolhida como monitora.

A autora traz à tona que “[...] para minha surpresa, a professora disse o monitor seria um menino. Ela havia se esquecido de esclarecer esse ponto, achou que fosse óbvio. Um garoto tirou a segunda nota mais alta. Ele seria o monitor” (Adichie, 2015, p. 16). Para Adichie (2015), esse comportamento, não é inocente, na verdade, ele revela como, desde a infância, os papéis de gênero são naturalizados. Não apenas isso, a autora ainda problematiza a marginalização a qual as mulheres são postas dentro desse sistema de desigualdades. Contudo, Adichie (2015), em momento algum, faz menção as interseccionalidades que marcam diferentes mulheres. Ela compreende esta categoria de forma universal, sem questionar as origens das construções de gênero.

Oyěwùmí (2021), por outro lado, centra seu argumento na desconstrução da universalização da noção de gênero, defendendo que esta categoria é oriunda das violências coloniais, sendo empregada para dominação de corpos, instituições e territórios. A autora, para tanto, lança mão da língua iorubá para demonstrar seu ponto, explicando que “[...] a história iorubá foi reconstituída por meio de um processo de invenção de tradições generificadas. Homens e mulheres foram inventados como categorias sociais, e a história apresentada como dominada por atores masculinos” (Oyěwùmí, 2021, p. 135). Para Oyěwùmí (2021), a generificação dos corpos, sob a perspectiva biológica, não correspondia à organização da cultura iorubá, que entendia os sujeitos para além das classificações anatômicas. Nesse sentido, a universalização da categoria gênero, apreendida pela noção biológica, não contempla as singularidades africanas, acabando por reproduzir as opressões coloniais.

4. CONCLUSÕES

Não é somente o país de origem que Adichie (2015) e Oyěwùmí (2021) partilham, percebe-se como ponto convergente entre as autoras o fato de ambas serem marcadas pelas opressões interseccionais que as compõem. Todavia, nota-se que as autoras traçam diferentes perspectivas sobre gênero em suas obras. Em *Sejamos todos feministas* (2015), a reivindicação pela desconstrução dos papéis de gênero vem acompanhada tanto da desconsideração das particularidades interseccionais que compõem as mulheres quanto do não questionamento sobre as origens das confecções de gênero. Enquanto *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (2021) centra-se na problematização da universalização da noção de gênero, reivindicando uma perspectiva afrocêntrica para compreender os processos que envolvem a História de África. Adichie (2015) e Oyěwùmí (2021), com isso, evidenciam a complexidade e a pluralidade que circundam os estudos de gênero. As suas distintas perspectivas provocam a reflexão sobre as marcas eurocêntricas-ocidentalizantes presentes tanto nos movimentos feministas africanos, quanto na construção do conhecimento que se tem sobre África.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, 2013, p. 89-117.

_____. Feminismos Subalternos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, 2017, p. 1035-1054.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLI, Raquel das Neves. Decolonialidade: ruptura com a hegemonia do conhecimento e reverberações na arte. **Farol**, v. 17, n. 25, 2021, p. 102-113.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento. Prefácio: Grada Kilomba. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERRARA, Jessica Antunes; CARRIZO, Silvina Liliana. Caminhos para um feminismo decolonial. **Cadernos Pagu**, v. 62, 2021, p. 1-16.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine la Guardia Resende... Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. **History and Theory**, v. 42, n. 1, 2003, p. 39-44.

_____; HAUPT, Heinz-Gerhard (ed.). **Comparative and Transnational History: Central European Approaches and New Perspectives**. Oxford: Berghahn Books, 2009.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à História Contemporânea**. Selo Negro: São Paulo, 2005.

hooks, bell. **E eu não sou mulher?** Mulheres negras e feminismo. Tradução: Bhuvi Libanio. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

NZEGWU, Nkiru. “O” África. Imperialismo de gênero na academia. In: OYÊWÚMÍ, Oyèrónké (ed.). **Mulheres africanas e feminismo: reflexões sobre a política da sororidade**. Tradução: Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023, p. 151-237.

OYÊWÚMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, Dayane Augusta Santos da. Gênero e feminismo(s) africano(s). **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n. 22, 2021, p. 268-287.

ZAMUDIO, Rebeca Mariana Gaytán. Violencia epistémica y creación de subjetividades coloniales. In: NÁJERA, Verónica Renata López (coord). **De lo poscolonial a la descolonización**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018, p. 28-43.